

Paisagens Humanas e Paisagens Urbanas: Visibilidade da Imigração e Minorias Étnicas na Cidade de Beja

<https://doi.org/10.21814/uminho.ed.78.16>

Ana Piedade

Laboratório de Animação Territorial, Instituto Politécnico de Beja, Beja, Portugal/
Departamento de Educação, Ciências Sociais e do Comportamento, Escola Superior de
Educação, Instituto Politécnico de Beja, Beja, Portugal/Rede de Ensino Superior para a Mediação
Intercultural, Lisboa, Portugal/Centros em Rede de Investigação em Antropologia, Faculdade de
Ciências Sociais e Humanas, Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal
<https://orcid.org/0000-0002-6203-9424>
alavado@ipbeja.pt

António Carloto

Laboratório de Animação Territorial, Instituto Politécnico de Beja, Beja, Portugal/
Departamento de Tecnologias e Ciências Aplicadas, Instituto Politécnico de Beja, Beja, Portugal
<https://orcid.org/0000-0002-9132-0223>
acarloto@ipbeja.pt

Bárbara Esparteiro

Laboratório de Animação Territorial, Instituto Politécnico de Beja, Beja, Portugal/
Departamento de Educação, Ciências Sociais e do Comportamento, Escola Superior de Educação,
Instituto Politécnico de Beja, Beja, Portugal
Rede de Ensino Superior para a Mediação Intercultural, Lisboa, Portugal
<https://orcid.org/0000-0002-5271-9995>
barbara.esparteiro@ipbeja.pt

Resumo

O presente trabalho resulta do mapeamento realizado na cidade de Beja, de espaços de sociabilidade de migrantes e de lojas de comércio de proximidade detidas ou exploradas por migrantes e que trazem uma nova paisagem humana à paisagem urbana. Beja mudou – nas cores de pele dos seus residentes permanentes ou temporários (estudantes do ensino superior, trabalhadores sazonais, por exemplo), oferta de restauração, bens alimentares, roupas, utilidades domésticas e espaços de encontro. A

integração intercultural não é um processo ausente de choque. Às diferenças étnicas, religiosas, de construção de género, entre outras, aliam-se aspetos relacionados com a pobreza de muitos migrantes, grandes desigualdades sociais, escassez de recursos, isolamento, pouco domínio da língua do país de acolhimento e, portanto, aspetos potenciadores de tensões sociais que podem escalar para situações de conflito – que, no caso concreto de Beja, já têm ocorrido, ainda que pontualmente. Propomo-nos (este é um trabalho em progresso) a mapear lugares de sociabilidade dos migrantes, lugares de culto, zonas residenciais, estabelecimentos comerciais, por tipo de negócio e por nacionalidade dos proprietários. Este conhecimento do território, (entendido enquanto relação entre espaço e habitantes), dar-nos-á indicações preciosas para compreender a nova organização do território urbano, do espaço público e das representações que lhe estão associadas.

Palavras-Chave

território, espaço público, multiculturalidade, inclusão/exclusão, migrações

Aspetos Introdutórios

A motivação para iniciar a pesquisa, de que resulta o presente artigo, foi a transformação rápida sofrida pelo território da cidade de Beja. Trata-se de um projeto de investigação não financiado, iniciado no ano de 2020, no âmbito do Laboratório de Animação Territorial do Instituto Politécnico de Beja (IPBeja), por uma equipa de três investigadores e pelo interesse que o assunto desperta junto do Laboratório e de alguns elementos da equipa que representam o IPBeja na Rede de Ensino Superior para a Mediação Intercultural, no grupo do Território.

Embora todo o concelho e distrito tenha estado, desde os últimos anos (início do século), a sofrer transformações paulatinas no que concerne à população, tanto com a sua diminuição como no que diz respeito aos movimentos populacionais, com um aumento do número de migrantes, a modificação significativa da paisagem urbana e humana é um fenómeno relativamente recente na cidade. De facto, migrantes de diferentes nacionalidades (Tabela 4), começam a chegar a Beja, em grande quantidade face ao total da população residente na malha urbana, desde 2010, sensivelmente. É um facto que se assiste ao aumento de cidadãos originários de contextos não europeus, com especial relevo para os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (estudantes estrangeiros do IPBeja e estudantes brasileiros Erasmus), Norte e Centro africanos e orientais (paquistaneses, bengali). Esta mistura cultural, nova no contexto bejense, mas já “tradicional” em Lisboa e muitas outras capitais e principais cidades pelo mundo fora, coloca questões de integração e exclusão e, em última instância, do que os estudos das ciências sociais, entre os quais a antropologia, designam como sofrimento social, como é entendido por Pussetti e Brazzabeni (2011) como “factos sociais totais” (p. 470) que acarretam consigo outras e variadas dimensões e questões interligadas – como as da saúde, do trabalho, do *welfare*, religiosas, políticas, morais, legais, éticas e/ou culturais (Piedade, 2019, p. 137).

Apesar do extremo interesse e pertinência de estender a análise destes fenómenos a todo o concelho e mesmo ao distrito de Beja (todos nos recordamos, certamente, das notícias veiculadas por vários órgãos de comunicação social em relação às condições de trabalho e de habitação de trabalhadores migrantes em Odemira, das situações de escravatura perto de Beja, entre outros), optámos por trabalhar a cidade de Beja apenas. Ainda assim, a realidade é difícil de gerir em termos de investigação, uma vez que nos deparamos quase diariamente, com situações de estudo que envolvem as comunidades de etnia cigana e as diferentes comunidades migrantes, sendo que estas são extraordinariamente volúveis. Os dados oficiais, com os quais trabalhamos, estão já desatualizados e, quase quotidianamente, os grupos de migrantes de uma nacionalidade que parece ser maioritária, perdem terreno para outros que, entretanto, chegam.

Interessa-nos, igualmente, compreender de que modo a cidade se configura e reconfigura com a (co)existência de uma minoria étnica – comunidade cigana – comunidades migrantes e comunidade maioritária. É fácil constatar que a (ou as) comunidade(s) de etnia cigana de Beja ocupam, predominantemente embora não exclusivamente, lugares periféricos, paredes meias, em alguns casos, com indivíduos com menores rendimentos pertencentes à população maioritária. Então, neste caso, o espaço periférico não tem apenas uma dimensão étnica, mas também e sobretudo, económica e social (não podemos ainda afirmá-lo categoricamente, mas os indícios apontam fortemente nessa direção). Do que nos foi dado a observar, bem como das conversas havidas com técnicos de diferentes serviços e instituições sociais da cidade de Beja, a maioria dos migrantes que aqui fixam residência, fazem-no em zonas centrais, mas em habitações com poucas condições de higiene e salubridade, e degradadas. Está também documentada a sobrelotação das habitações. A importância deste problema é de tal modo grande no município que o autarca de Beja, Paulo Arsénio, tem feito várias declarações à comunicação social (Pedrosa, 2021) como se pode constatar:

a extensão do Centro Nacional de Apoio à Integração de Migrantes (CNAIM) de Faro, prevista abrir na cidade de Beja, irá ajudar a comunidade imigrante no território “a ultrapassar um conjunto de constrangimentos”, nomeadamente, ao nível “da integração” e “do acesso à habitação condigna”, diz o presidente da Câmara Municipal de Beja ao “Diário do Alentejo”. (para. 1)

Se numa primeira fase a maioria desta mão de obra, dedicada aos trabalhos agrícolas, era sazonal (vindima, plantio de olival, apanha da azeitona, por exemplo), de acordo com Fialho, Lopes e Machado (2023), nos últimos anos (desde sensivelmente 2018) há mais migrantes que se fixam durante todo o ano. A população que chega à cidade de Beja, vem trabalhar em locais limítrofes, sobretudo em tarefas relacionadas com a agricultura, muito frequentemente na periferia da cidade, em freguesias e concelhos confinantes e, portanto, só é visível de manhã cedo e à tarde, próximo da hora do jantar e, eventualmente à noite, no tempo de primavera e de verão, contribuindo para os movimentos pendulares que ocorrem no território. A cidade, portanto, mudou e, como tal esta investigação constitui uma tentativa de entendimento dessa

mudança, de compreensão do território e do modo como se vão estabelecendo e interagindo territórios dentro do território.

Objetivos e Aspetos Metodológicos

Como já referimos, este projeto não é financiado, enquadra-se no âmbito do Laboratório de Animação Territorial do IPBeja e iniciou-se no ano de 2020, prevendo-se a conclusão da primeira fase da pesquisa em final de 2024. Pretendemos nesse momento:

- Identificar as comunidades imigrantes e de minorias étnicas fixadas na cidade de Beja (nacionalidade, habilitações literárias, género, línguas faladas, idade, composição familiar, estado civil, religião);
- Identificar os locais de fixação dessas comunidades (com uma linha de tempo);
- Mapear os lugares de encontro/sociabilidade por grupo, no território da cidade;
- Construir uma planta funcional da cidade.

A metodologia usada neste processo investigativo passa pela observação direta no terreno, com o mapeamento dos lugares ocupados pela etnia cigana, enquanto minoria étnica e pelas comunidades migrantes bem como por conversas exploratórias (com migrantes e com parceiros privilegiados – Câmara Municipal de Beja, Conselho Local de Ação Social, Cáritas Diocesana de Beja, Cruz Vermelha, Centro Local de Apoio à Integração de Migrantes (CLAIM), Equipa de Mediadores Municipais Interculturais, Associação Estar, Associação de Mediadores Ciganos, agrupamentos de escolas e população de etnia cigana.

Recorreu-se igualmente à pesquisa documental, nomeadamente no que concerne à história da ocupação da cidade de Beja, à fundamentação teórica dos aspetos relacionados com o estabelecimento de comunidades, constituição de redes de sociabilidade, relações interculturais e importância do espaço público e das políticas públicas na promoção de territórios interculturais e integradores. As bases de dados PORDATA e Instituto Nacional de Estatística (INE) bem como do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) e do Alto Comissariado para as Migrações, foram fundamentais para o trabalho a partir de dados oficiais que, contudo, tentámos atualizar em função das realidades do momento.

Recorremos à recolha de narrativas de vida e posterior transformação em histórias de vida, de elementos da comunidade de etnia cigana e de comunidades migrantes (já iniciada), bem como entrevistas em profundidade. Os informantes foram contactados diversas vezes, a fim de se proceder à recolha de informação, respeitando os seus ritmos e tempo disponível, bem como a disponibilidade das entrevistadoras. A observação participante está igualmente equacionada e poderá ocorrer entre fevereiro e setembro de 2024. As e os informantes que contribuíram para este texto, tanto profissionais portuguesas e portugueses, como elementos da comunidade de etnia cigana e imigrantes, serão identificados apenas por iniciais do nome, faixa etária, sexo, nacionalidade/grupo étnico e profissão (sempre que possível), na Tabela 1.

Nome	Faixa etária	Sexo	Nacionalidade/ grupo étnico	Profissão
MP	35-44	Feminino	Portuguesa	Assistente Social
IF	35-44	Feminino	Portuguesa	Assistente Social
HS	25-34	Feminino	Portuguesa	Assistente Social
AP	55-64	Masculino	Portuguesa	Assistente Social
MS	35-44	Feminino	Portuguesa	Assistente Social
NS	25-34	Feminino	Portuguesa/ Etnia Cigana	Licenciada em Educação e Multimédia
PH	35-44	Feminino	Portuguesa	Antropóloga
PC	44-55	Masculino	Portuguesa/ Etnia Cigana	Facilitador/mediador
JV	25-34	Masculino	Portuguesa/ Etnia Cigana	Sem profissão
MG	74-85	Masculino	Portuguesa	Reformado (professor)
MS	74-85	Masculino	Portuguesa	Reformado (comerciante)
ZW	55-64	Feminino	Chinesa	Comerciante
AA	18-24	Masculino	Senegalesa	Trabalhador agrícola
XW	55-64	Masculino	Chinesa	Comerciante
CC	24-35	Masculino	Índiana	Trabalhador agrícola
GC	24-23	Masculino	Paquistanesa	Trabalhador agrícola
MV	44-55	Feminino	Brasileira	Empresária

Tabela 1
Informantes nacionais e estrangeiros.

Os dados foram tratados com base em análise de conteúdo, com categorias de análise previamente definidas, mas suficientemente abertas para comportar novas categorizações decorrentes das informações prestadas pelos informantes-chave, quer das suas narrativas de vida, quer das entrevistas. Procedeu-se, igualmente à construção de tabelas categoriais que espelhassem os dados de tipo quantitativo e outras informações.

Os autores elaboraram, a partir da sua observação direta, um mapa partilhado a que se pode aceder através da ligação <http://bit.ly/3DC6QFN> no Google My Maps, e que é útil para seguir as descrições e apreciações que se seguem. Assim, o mapa foi concebido tendo em consideração várias categorias. A saber: Beja Histórica – Mouraria e Judiaria; IPBeja e residências; comércio, serviços e lugares de passagem; lugares de encontro específicos; lugares de residência importantes de indivíduos de etnia cigana; e, por último, lugares de encontro transversais a várias etnias e nacionalidades.

Devemos referir que consideramos como um grupo distinto os estudantes estrangeiros do IPBeja, tanto os estudantes ERASMUS como os internacionais, em linha com a proposta do Glossário da Organização Internacional para as Migrações (International Organization for Migration, 2019). Outra razão prende-se com o facto de entendermos o IPBeja como uma comunidade dentro da comunidade, com as suas especificidades e teias de sociabilidade que preferimos trabalhar no âmbito de outra investigação sobre a interculturalidade no IPBeja. Não podemos, contudo, deixar de referir a localização dos alojamentos do IPBeja (residências) onde muitos destes estudantes

residem, os espaços que atravessam e, portanto, a sua contribuição para esta alteração da paisagem física e humana da cidade de Beja.

A Mudança da Paisagem Urbana

A mudança da paisagem urbana relaciona-se com a mudança, muito visível, da paisagem humana da cidade. Os naturais de Beja convivem com mulheres muçulmanas que usam *hidjab* (lenço que cobre os cabelos), *niqab* (lenço que cobre o rosto), *chador* ou *xador* (veste longa, que envolve completamente os corpos, deixando apenas visíveis os olhos das mulheres) e *jilbab* (vestido de mangas compridas que cobre completamente o corpo feminino). Cruzam-se com homens muçulmanos que envergam peças de roupa que as ruas de Beja já haviam visto num passado distante e esquecido: túnicas (também designadas como *caftan*, *djellabia*, *dishdasha* ou *gallibia*); *cirval* ou *cirwal* (calças largas usadas por baixo da túnica); e *fez* ou *tarbush* (o pequeno chapéu de feltro ou pano que cobre metade da cabeça e é frequentemente bordado), como referem Vera Marques (2009) e Maria Schouten (2001). Deparam-se com homens *sikhs*, de compridas barbas, cabelo comprido e turbante. Enquanto isso, os bejenses, e os portugueses em geral (os mais jovens de etnia cigana incluídos), uniformizam modos de vestir, rendendo-se à urbanidade e à homogeneidade global do vestuário e, também por essa via, Beja passa de “cidade eminentemente rural”, mas com um contexto europeu (a memória dos bejenses é ainda marcada pela comunidade alemã que habitava a cidade e criava dinâmicas culturais e sociais, sobretudo junto da então geração mais nova e com mais habilitações literárias e que saiu em 1993), para um território (novamente) com ambições cosmopolitas, de acordo com a informação recolhida em trabalho de campo que temos vindo a realizar.

As paisagens humanas, com as diferentes pessoas de aspeto físico, vestuário e adornos diversos dos imigrantes, cruzam-se com as roupas escuras e luto carregado de homens e mulheres de etnia cigana. De repente, confundem-se nacionalidades, crenças e línguas faladas. Os odores e a gramática de sabores disponíveis na cidade altera-se: à tipicidade da comida alentejana e às comidas portuguesas em geral, aliam-se, há já alguns anos, o “exotismo” da comida chinesa e japonesa, bem como a vizinhança mediterrânica das pizzas italianas e das tapas espanholas que agora se complementa com a comida indiana (ou italo-indiana). Os migrantes asiáticos e alguns africanos, trazem o odor do caril (ou dos caris) e os supermercados adaptam-se aos novos públicos que alteram hábitos de consumo. Complementarmente, surgem novas lojas e novas empresas ligadas à alimentação – produtos senegaleses, produtos *kosher*, que respondem às necessidades de judeus e de muçulmanos.

Estas vagas sucessivas de migrantes, das quais falaremos mais adiante, não se ocupam apenas da agricultura. No caso dos migrantes indianos e paquistaneses, há vários comerciantes (de produtos alimentares, restauração, venda e reparação de telemóveis, por exemplo) e o mesmo acontece com os migrantes chineses que, se há alguns anos eram novidade nesta paisagem urbana de Beja, hoje se encontram integrados (de acordo com as declarações de entrevistados de origem chinesa – ZW

e XW – e de técnicas de serviço social, que foram informantes-chave no processo de trabalho de campo – MP, IF, MS e HS). De acordo com as suas palavras (foi feita análise de conteúdo das entrevistas, seguindo o modelo de análise previamente estabelecido) há já muitas crianças e jovens nascidos em Portugal de tal modo que se tornam “invisíveis”, isto é, como refere ZW, “meninos como os outros portugueses (...) o meu filho fala e vive como os outros meninos portugueses e já não é chinês” (comunicação pessoal, 13 de maio de 2022). Consideram-se os níveis de integração tendo como base os indicadores definidos pelo Eurostat (2022).

Assume-se neste capítulo a inclusão social como uma dimensão ampla e que interliga várias áreas, entre as quais indicadores de risco de pobreza e de acesso a proteção social, como contrapartida de contribuições, em caso de doença, de desemprego, de falta de rendimentos, de acidente de trabalho, entre outras situações que induzem à proteção social pelos estados (Oliveira, 2021, p. 193).

Durante algum tempo quase invisível para os bejenses, foi o lugar de culto muçulmano (vulgarmente designado como mesquita) e que se situa na Rua do Touro, centro histórico, numa pequena e discreta casa de rés-do-chão. A quantidade de crentes muçulmanos que aqui tem chegado, tanto homens como mulheres, acaba por tornar pequeno este lugar (as mulheres não o frequentam), faz notar os praticantes e marca o ritmo temporal da cidade, nas ruas velhas e pouco habitadas. Tanto quanto sabemos, e de acordo com um dos elementos da comunidade muçulmana “somos cada vez mais e precisamos de mais lugares de culto, mais dois ou de um maior, logo se vê... mas as mulheres também querem o seu espaço” (GC, comunicação pessoal, 30 de julho de 2022), e estão pensados mais dois lugares de culto, um para homens e outro para mulheres. Mas outros lugares de culto têm emergido, sobretudo ligados a grupos cristãos. Esta situação não é de estranhar, uma vez que muitos destes indivíduos estão, comprovadamente, numa situação frágil em termos emocionais (longe da família e referências culturais, frequentemente não falam a língua). Em alguns casos, a fragilidade ocorre igualmente em termos económicos e físicos, pelo que será natural que grande parte deles encontre na prática religiosa quotidiana e no recurso às suas crenças, o amparo necessário para ir vencendo dificuldades. É sabido que, embora haja cada vez mais ateus e agnósticos nos países ditos desenvolvidos, os dados não apontam no mesmo sentido em locais em que as crises estruturais e de momentos de vida se colocam com grande intensidade e durante longos períodos (Piedade, 2019, p. 137). Assim, há uma elevada probabilidade de encontrar praticantes de diferentes credos religiosos na cidade de Beja.

Espaço Público: Espaço, Território

A cidade de Beja é um território de baixa densidade e com limites territoriais restritos, pelo que a quantidade de cidadãos não autóctones e não portugueses é notória. O modo como o espaço é representado e apreendido pelos bejenses e “bejenses adotados” é manifestamente diferente. Desde logo pelas dificuldades económicas e pela exploração que certos grupos de recrutamento fazem dos migrantes

– prometem-lhes um contrato de trabalho que, com frequência, não existe e os abandona à sua sorte, à solidariedade dos habitantes da cidade, dos compatriotas e das entidades públicas e privadas que se unem para minorar situações de condições sub-humanas. A pobreza aqui é visível para quem frequenta as ruas da cidade à noite (HS, comunicação pessoal, 21 de julho de 2022; AS, comunicação pessoal, 29 de julho de 2022), com a nova realidade de sem-abrigo, imigrantes recém-chegados, como nos referem responsáveis por instituições de solidariedade social, “ameaçados por máfias e gangs e dormem em locais específicos [que nos solicitaram que não divulgássemos, por uma questão de segurança das pessoas], sobretudo de nacionalidades senegalesa, timorense, marroquina e argelina” (MP & IF, comunicação pessoal, 20 de julho de 2022).

A pobreza e a exclusão dos imigrantes inscrevem-se nos espaços centrais e visíveis da cidade, contrariamente ao que sucede com a etnia cigana (AP, comunicação pessoal, 10 de julho de 2022; NS, comunicação pessoal de 20 de julho, 2021; PC, comunicação pessoal, 20 de julho de 2022; JV, comunicação pessoal, 28 de julho de 2022), que ocupa maioritariamente a periferia (Bairro das Pedreiras, Bairro da Esperança) ou as zonas que, embora se situem dentro da cidade, surgem como territórios de transição (como é o caso da Rua da Lavoura, por exemplo).

O arrendamento de casas a imigrantes em Beja (sobretudo distrito) é problemático – desde os contratos em que os senhorios sabem a quantas pessoas arrendam o imóvel e com isso fazem muito dinheiro, aos que assumem arrendar “casas a um casal e, de repente, têm lá uma multidão e nem por isso ganham mais, mas ficam com a fama” (MG, comunicação pessoal, 20 de maio de 2022). “Há várias casas no centro de Beja, não apenas no casco antigo, mas também junto à estação da Rede Expressos, CTT, zona do Carmo, etc. que estão arrendadas a migrantes” (MS, comunicação pessoal, 14 de junho de 2022). Assim, em função dos lugares vividos, o espaço público oferece locais de encontro dos migrantes: africanos junto às piscinas e estação de camionagem da Rede Expresso (senegaleses, sobretudo); asiáticos junto ao Centro Comercial do Carmo, uma vez mais as pessoas são agrupadas pelo aspeto físico: “olham prá gente e acham que somos todos parecidos” (CC, comunicação pessoal, 27 de julho de 2022), como se o corpo configurasse mais um território dentro do território. De facto, o corpo surge como espaço em que se inscrevem culturas e subculturas – nos gestos, nas posturas, nas inscrições/ mutilações étnicas que todos os corpos contêm, no espaço que ocupam nos lugares e na intervenção que têm relativamente aos espaços público e privado das comunidades onde vivem e dos lugares de passagem onde se manifestam. Como afirma Marcel Mauss (1974), o corpo é a matéria-prima que a cultura molda e inscreve de modo a criar diferenças sociais. Isto é, o corpo humano nunca se encontra em “estado natural” (Almeida, 2004). Não pode, de facto, imaginar-se um ser humano que não seja fruto da cultura como também não pode imaginar-se um corpo natural. Portanto, qualquer adjetivo que se associe ao corpo é fruto de uma dinâmica cultural particular, e só faz sentido num grupo específico, isto é, pode-se dizer que a natureza do homem é ser um ser cultural (Geertz, 1978; Piedade, 2017, p. 123).

Os africanos migrantes em Beja, ainda que erradamente, são geralmente divididos entre estudantes (no IPBeja), muçulmanos e trabalhadores agrícolas (sendo que estas duas categorizações e representações podem coexistir). A ideia de nacionalidade é frequentemente desvalorizada relativamente a outras características mais imediatamente visíveis. Os asiáticos são divididos entre *sikhs* (já reconhecíveis facilmente pelo turbante), indianos (incluem-se os paquistaneses) e nepaleses. A realidade, contudo, é bem diferente e bastante mais complexa. Desde logo porque reduzir a africanos e a asiáticos tão diversa população, com tensões entre os países de origem, significa ignorar potenciais problemas futuros. A desejada “integração” e promoção da interculturalidade, esbarra com a ignorância da história, cultura e identidade de outros povos, facilmente incluídos na categoria de “outro(s)” por oposição ao “nós”.

História Impressa no Espaço

A história de Beja é antiga e rica e, à semelhança do que sucede em muitos outros territórios, a mouraria e a judiaria inscrevem no espaço a dimensão intercultural que as sociedades foram tecendo ao longo do tempo. Beja não é exceção, mas para compreender o modo como se torna multicultural e se encara como intercultural, há que olhar para as suas autorrepresentações e representações identitárias.

Se a identidade de qualquer comunidade é constituída principalmente por itens de distinção cultural, juntamente com as características territoriais da terra de seus antepassados, em Beja, o passado reivindicado é sobretudo um passado recente (que remete para a memória social da época do Estado Novo e do Processo Revolucionário em Curso), um presente/passado no sentido em que compara a esperança de um passado recentíssimo, à desilusão que atualmente se vive porque os habitantes do concelho e região se sentem espoliados de direitos (é disto exemplo o movimento Beja Merece +); ou para um passado longínquo da romanização e a identidade é a de resistência. Mais do que as marcas espaciais e a vivência do território, vive-se uma identidade de olhares cruzados entre a fronteira com Espanha e a fronteira com o mar; o desejo de permanecer e a necessidade de sair para procurar trabalho, para buscar o litoral. E o território de baixa densidade torna-se duplamente envelhecido, deixando para o “outro”, o migrante económico, as tarefas que requerem trabalho árduo, mas oferecem baixas remunerações. Quem fica, escolhe as novas áreas da cidade para viver, sem as restrições das ruas e ruelas sem estacionamento disponível, escolhe casas maiores, junto às escolas, ou na periferia da cidade. Entretanto o centro histórico mantém os serviços, os lugares de poder administrativo e a reminiscência de uma vivência eminentemente agrícola (Piedade, 2019, p. 143).

É em muitas destas ruas, da antiga mouraria e da antiga judiaria, que a paisagem também se transforma. Aí se situam algumas das casas habitadas por migrantes de diferentes nacionalidades e se situa o lugar de culto. Africanos (senegaleses e de outras nacionalidades) ocupam o espaço junto das piscinas municipais e estação de camionagem da rede de expressos e os imigrantes indianos e paquistaneses ocupam zonas adjacentes à Igreja do Carmo e do Centro comercial do Carmo, tal como

os senegalenses. Na Rua do Touro, onde se localiza o lugar de culto muçulmano, convergem diferentes nacionalidades, desde que partilhem a identidade religiosa. Assim, o espaço público da cidade é partilhado entre migrantes, uma vez que quer o trabalho onde se encontram, quer as crenças, os aproximam e geram relações de sociabilidade. Não significa isto, porém, que não existam alguns conflitos entre si, com a população maioritária, bejense, e com a população de etnia cigana: “a gente já cá ´tava e vive em barracas, e eles chegam agora... e... tiram as casa à gente, né? A gente pede casas e não há...” (JV, comunicação pessoal, 15 de fevereiro de 2022); “às vezes há confusão...a bebida e muitos homens sozinhos” (CC; comunicação pessoal, 12 de fevereiro de 2020); “por vezes há conflitos que estão connosco e quando se encontra gente de países com quem temos problemas... não é fácil...” (AA, comunicação pessoal, 3 de março de 2022); “dou-me bem com toda a gente!” (HS, comunicação pessoal, 25 de março de 2022)

A etnia cigana, como já referimos, ocupa as zonas periféricas da cidade. Forma comunidades onde as relações de sociabilidade são fortes, mas nas quais os conflitos surgem, de modo encarado pelos habitantes da cidade, como naturais. Algumas entidades, entre as quais a Rede Europeia Anti-Pobreza, refere a falta de alguns equipamentos como caixotes do lixo ou chafarizes que permitam o abastecimento de água à população e chama a atenção para as péssimas condições de habitabilidade de alguns destes agregados familiares, comparando a sua situação à dos imigrantes excluídos: “uma torneira para o bairro todo...” (PC, comunicação pessoal, 5 de fevereiro de 2020; 10 de janeiro de 2021; 2 de agosto de 2022); “não há caixotes do lixo suficientes e depois é uma porcaria, no bairro. E muita gente não tem água canalizada e uma torneira para quase 600 pessoas?!” (NS comunicação pessoal, 3 de novembro de 2022); “estive com a N... no contentor, no bairro e de verão, não se pode com o calor, nem com o cheiro. É mesmo difícil de suportar.” (PH, comunicação pessoal, 15 de fevereiro de 2022).

As residências do IPBeja situam-se junto ao campus e, nesse sentido, são centrais relativamente às unidades orgânicas do IPBeja, mas periféricas relativamente ao centro da cidade e, uma delas, central no território da cidade, implica o atravessamento e a visibilidade dos estudantes, maioritariamente estudantes internacionais oriundos dos PALOP, no espaço público da cidade. Embora não esteja inserida na malha urbana mais antiga, situa-se no centro histórico. A apreensão que estes estudantes fazem do espaço é muito limitada e, frequentemente, ao fim de dois anos conhecem quase exclusivamente as rotas “funcionais” que percorrem diariamente: residência–campus–supermercados–estação de comboio ou de camionagem–residência. A cidade é pouco explorada e, portanto, para muitos dos estudantes (também os portugueses agem do mesmo modo) é um território desconhecido. Os laços emocionais estabelecidos com a cidade são ténues, nestas circunstâncias, não fomentando o sentido de pertença e de comunidade: “muitos de nós só conhecem o caminho da escola para os supermercados e para as estações (...) quem tem família na zona de Lisboa” (MSC, comunicação pessoal, 10 de Março de 2020)

Os Imigrantes no Concelho de Beja

Podemos considerar a existência de várias vagas de imigrantes em Beja (Agência para o Desenvolvimento Local no Alentejo Sudoeste, 2021). A primeira reporta-se a um conjunto de indivíduos de nacionalidade chinesa que foram chegando no início do milénio. Sendo um grupo de tamanho reduzido e fixando-se rapidamente na cidade como trabalhadores por conta própria nas áreas comercial e da restauração, rapidamente se integraram na paisagem urbana e atualmente encontra-se uma segunda geração, que frequenta o ensino regular em Beja ou noutros territórios de Portugal. Ainda antes, e de um modo continuado até ao presente, a comunidade brasileira tem vindo a sofrer oscilações, ora apresentando um razoável número de efetivos: “já fomos mais aqui. Eu sinto-me bem” (MV, comunicação pessoal, 9 de setembro de 2021); ora uma diminuição – de acordo com Eurostat (2022), quase 700 mil estrangeiros vivem em Portugal e 30% são brasileiros. Uma segunda fase, que compreendeu, essencialmente, a chegada de imigrantes europeus, muitos deles trabalhadores sazonais, vindos da Roménia e que trabalhavam predominantemente na agricultura. A par destes, imigraram sobretudo homens, trabalhadores na construção civil, de nacionalidade ucraniana e moldava (Góis & Marques, 2018).

Houve também a chegada de imigrantes oriundos da Rússia. Uma terceira vaga foram os migrantes africanos, com um estatuto diferente porque estudavam no campus do IPBeja, muito embora alguns necessitassem de trabalhar para se manter como estudantes – outros simplesmente abandonaram os estudos e a cidade. Quase em simultâneo começam a chegar africanos de diferentes origens, estes assumidamente migrantes económicos. Seguem-se indianos, paquistaneses e nepaleses. Consideramos que a penúltima vaga, iniciada no final de 2021, início de 2022, traz a Beja imigrantes senegaleses, marroquinos (que habitualmente ficavam por Espanha ou no Algarve) e argelinos. Desde junho de 2022 continuam a chegar, os imigrantes identificados em 2021 e 2022 e também timorenses (98), que se espalham pela cidade de Beja, mas também por freguesias e concelhos limítrofes. É expectável que Beja receba refugiados ucranianos (que, de resto já começaram a candidatar-se a formação superior e pós-graduada no IPBeja), à semelhança do que aconteceu com refugiados sírios (que, entretanto, abandonaram este território, tendo permanecido apenas uma família com residência no concelho): “esperamos migrantes ucranianos, que virão, obviamente, com estatuto diferente” (MS, comunicação pessoal, 22 de junho de 2022); “já estamos a preparar-nos, com parcerias, para continuar a receber ucranianos” (IP & MP, comunicação pessoal, 20 de junho de 2022).

Já existem dados sobre imigrantes exclusivamente da cidade de Beja, para 2021. Assim, apresentamo-los na Tabela 2. Na Tabela 3 apresentamos os dados para Portugal. Os dados de 2022 não estão ainda disponíveis, uma vez que o ano ainda decorria aquando da elaboração deste texto. Tentaremos, sempre que possível apresentar a realidade, mutável e inexata, com dados o mais fiáveis possível. Para tal, partimos dos dados disponibilizados pelos sites do PORDATA, INE e SEF, combinados com os das Instituições Particulares de Solidariedade Social (IPSS) e CLAIM que fazem atendimento aos migrantes. É, igualmente este procedimento que nos permite

ter consciência das sucessivas vagas de migrantes que chegam à cidade e ao concelho, bem como as notícias que são veiculadas pela comunicação social nacional e regional – *Diário de Notícias* (Neves, 2018); *Diário do Alentejo* (Pedrosa, 2021); *Rádio Voz da Planície* (Alerta para situação ilegal de imigrantes agrícolas no distrito de Beja, 2022; Valente, 2022); *Sul informação*, (92 timorenses realojados em Beja após despejos, 2022); *Jornal de Notícias* (Correia, 2022); *Eco* (Lusa, 2022).

Em Portugal, no ano de 2020, (Tabela 2), os imigrantes permanentes foram consideravelmente menos (25.886) do que os temporários (42.323), o que nos remete para a sazonalidade da mão-de-obra que se verifica em muitos casos (PORDATA, 2020).

Tabela 2
Imigrantes em Portugal em 2020
Fonte. Adaptado de PORDATA, 2020.

Ano	Emigrantes por tipo (total)	Emigrante permanente	Emigrante temporário
2020	68.209	25.886	42.323

Para o distrito de Beja, coincidente com a região do Baixo Alentejo, os dados de 2021 (Tabela 3), dizem-nos que o número total de imigrantes é de 5.026, dos quais 3.135 são homens (o que comprova a perceção que se tem ao atravessar o espaço público e é manifesto nos territórios de sociabilidade) e 1.891 são mulheres.

Tabela 3
População estrangeira com estatuto legal de residente: total e por sexo
Fonte. Adaptado de Instituto Nacional de Estatística, 2022; Estrela et al., 2022; PORDATA, 2021b.

Territórios	Total	Sexo	
		Homens	Mulheres
Baixo Alentejo	5.026	3.135	1.891
Beja	1.808	1.107	701

De acordo com as informações recolhidas junto do CLAIM e de várias IPSS, muitos destes imigrantes estão já mais despertos para reivindicar os seus direitos e estão mais informados acerca das instituições a que podem recorrer para procurar ajuda. Em virtude deste fenómeno, muitos deles conseguem ir-se esquivando aos grupos que os expoliam dos documentos e iniciar os processos de regularização, bem como de reagrupamento familiar. Nesta situação estão, por exemplo, muitos senegaleses (que chegam sobretudo, em 2022).

Em 2021, em Portugal, verificou-se, pelo sexto ano consecutivo, um acréscimo da população estrangeira residente, com um aumento de 5,6% face a 2020, totalizando 698.887 cidadãos estrangeiros, do Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo 2021 (referido por Estrela, Lopes, Menezes, Sousa & Machado, 2022), sendo a comunidade brasileira a mais representativa e a que mais cresce. Os dados mais completos no que concerne ao número de imigrantes no concelho de Beja (de acordo com contactos orais com a ADLAS - Agência para o Desenvolvimento Local no Alentejo Sudoeste, 2021), por nacionalidade, são de 2020 (Tabela 4). Os cidadãos brasileiros constituem a maior comunidade, com 391 pessoas, seguidos pelos naturais da Índia (166) Roménia (156), Guiné-Bissau (155) Ucrânia (117).

País de Origem (ano de 2020)	Número
Espanha	30
França	14
Itália	18
Reino Unido	15
Ucrânia	117
Roménia	156
Moldávia	29
Outros países europeus	66
Cabo Verde	63
Guiné-Bissau	155
Moçambique	21
S. Tomé e Príncipe	2
Outros países africanos	144
Brasil	391
Outros países americanos	20
China	101
Índia	166
Nepal	9
Outros países asiáticos	65
Total	1.617

Tabela 4

Imigrantes no concelho de Beja por nacionalidade 2020

Fonte. Adaptado de PORDATA, 2020.

Em 2022, o número de imigrantes não só terá aumentado na cidade de Beja, no concelho e no distrito, de acordo com a perceção das entidades que contactámos e atuam no terreno (teremos de aguardar pelos dados oficiais), como também a diversidade dos países de origem é maior. “Muitas nacionalidades podem ser identificadas na cidade de Beja em 2022. Há, só para ter uma ideia, mais de 20 nacionalidades” (MS, comunicação pessoal, 30 de junho de 2022); “Há cada vez maior quantidade de nacionalidades em Beja. Serão seguramente mais de vinte” (HS, comunicação pessoal, 15 de junho de 2022).

As confissões religiosas e crenças identificadas em Beja, em 2020 e em 2022, com base nos dados dos censos de 2011, atualizados por informação recolhida junto das diversas instituições de apoio a migrantes e organizações não governamentais é a seguinte (optámos por não colocar os números, certamente muito desatualizados): católicos, cristãos ortodoxos, luteranos, anglicanos, pentecostais, calvinistas, Metodistas, Adventistas, Testemunhas de Jeová, Judeus, Muçulmanos, Sikhs, Budistas, hindus, animistas, praticantes de candomblé e espiritas. Como se pode constatar, a ideia de Portugal cristão católico ortodoxo romano está a diluir-se num conjunto de outras religiões ainda minoritárias, mas com tendência para crescer. A muitas delas, aliam-se aspetos relacionados com interditos e tabus alimentares (a carne de porco,

por exemplo) que é um elemento básico do consumo de proteína animal neste contexto. Estes dados são apoiados por declarações e dados do Alto Comissariado para as Migrações (2022).

A ideia de que a maioria dos migrantes permanentes em Beja trabalha na agricultura (ou apenas na agricultura) é falsa. As empresas, o pouco tecido industrial, a restauração, o comércio e a construção civil absorvem alguma mão-de-obra estrangeira. O recurso a empresas de trabalho temporário é válido também para a colocação de imigrantes nos setores secundário e terciário. Entre a comunidade senegalesa há vários pedreiros e soldados que conseguem trabalho com relativa facilidade. Muitos dos imigrantes indianos que trabalham na agricultura ou na restauração, têm formação superior e estão a fixar residência na cidade e no concelho, bem como em concelhos limítrofes. Muitos imigrantes têm habilitações de nível intermédio ou superior e chegam a Beja para exercer profissões liberais ou tornar-se empresários ou empreendedores, e muitos são europeus ou brasileiros – são estes que mais se confundem com a população portuguesa natural ou residente em Beja e passam despercebidos. “Cheguei há cerca de seis anos a Portugal e já estive em Lisboa, mas decidi vir para Beja, onde as oportunidades também existem e a concorrência é menor” (MV, comunicação pessoal, 10 de dezembro de 2020). As mudanças, adivinha-se, serão maiores na face do território – as paisagens urbanas e humanas.

Para além da exclusão, a comunidade migrante enfrenta, na altura da redação deste artigo, problemas de saúde, nomeadamente um surto de tuberculose. Mais um problema humano, social e de saúde pública. Novamente as entidades públicas, associações, organizações não governamentais e instituições particulares de solidariedade social são chamadas a intervir para minorar o problema. Valem, para além das entidades, os voluntários que apoiam projetos e instituições, tanto na recolha e distribuição de bens (alimentares e outros) como na interação com os imigrantes e outras vítimas de exclusão.

Algumas Considerações Finais

Em Beja, as minorias étnicas vivem tradicionalmente na periferia da cidade ou, ainda que dentro da cidade, em zonas consideradas de margem, escondendo da urbe situações de pobreza e de exclusão quase só visíveis quando se atravessa a linha de fronteira entre a cidade e as suas margens. A pobreza e exclusão dos imigrantes que dela sofrem e com ela sofrem, é visível no espaço central da cidade – pela forma como o fruem às horas mortas da noite, à tardinha quando o calor é insuportável numa casa sem condições para albergar tanta gente ou nos dias em que o trabalho se acabou e se aguarda novo lugar onde trabalhar. É visível durante a noite quando alguns espaços relvados ou abrigados se tornam casa e o relento se transforma em teto.

A apreensão do território remete para “geografias” de cores, odores, gestos, imagens, sonoridades, de emoções e de memórias. Mas também permite estabelecer pontes entre fronteiras, isto é, passar da ideia de “eu” e os “outros” ou “nós” e os “outros”, para a ideia de construção de um espaço comum e para a possibilidade de espaços partilhados que nos permitam aprender com a diferença e valorizá-la.

Esta reflexão, ainda incipiente e incompleta relativamente à mudança das paisagens urbana e humana de Beja, representa uma etapa do caminho que queremos percorrer ainda que tenhamos perfeita consciência do quão volúvel é esta realidade dos movimentos migratórios. Por isso, trabalhamos em rede e olhamos para além dos números, apesar deles, para construirmos e reconstruirmos locais de sociabilidade, ideias de interação entre diferentes indivíduos e grupos.

O mapa digital que aqui se apresenta, e que pode ser acedido pelo link disponível no corpo de texto, constitui o primeiro resultado do mapeamento de alguns lugares de encontro e territórios significativos para os grupos de imigrantes. Outros mapeamentos serão feitos, com a participação dos mesmos informantes e de outros; o mapeamento em planta funcional, de espaços de atratibilidade por nacionalidade e etnia; lugares de residência; comércio e serviços; espaços partilhados.

Referências

Agência para o Desenvolvimento Local no Alentejo Sudoeste. (2021). *Plano municipal para a integração de migrantes do concelho de Beja 2021–22*. Alto Comissariado para as Migrações e Câmara Municipal de Beja.

Alerta para situação ilegal de imigrantes agrícolas no distrito de Beja. (2022, 1 de agosto). *Rádio Voz da Planície*.

Almeida, M. (2004). *Outros destinos. Ensaios de antropologia e cidadania*. Campo das Letras. <https://ciencia.iscte-iul.pt/publications/outros-destinos-ensaios-de-antropologia-e-cidadania/17517?lang=en>

Alto Comissariado para as Migrações. (2022). Dados estatísticos. <https://www.om.acm.gov.pt/dados-estatisticos>

Correia, T. (2022, 25 de agosto). 92 timorenses realojados em Beja após despejos. *Jornal de Notícias*. <https://www.jn.pt/local/noticias/beja/beja/cerca-de-uma-centena-de-trabalhadores-timorenses-sem-casa-e-sem-comida-15114658.html>

Estrela, J., Lopes, S. M., Menezes, A., Sousa, P., & Machado, R. (2022). *Relatório de imigração, fronteiras e asilo 2021*. Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. <https://www.sef.pt/pt/Documents/RIFA2021%20vfin2.pdf>

Eurostat. (2022). *Migration integration*. <https://ec.europa.eu/eurostat/web/migration-asylum/migrant-integration>

Fialho, A., Lopes, S., & Machado, R. (2023). *Relatório de imigração, fronteiras e asilo 2022*. Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. <https://www.sef.pt/pt/Documents/RIFA2022%20vF2a.pdf>

Geertz, C. (1978). *A interpretação das culturas*. Zahar Editores.

Góis, P. & Marques, J. (2018). Retrato de um Portugal migrante: A evolução da emigração, da imigração e do seu estudo nos últimos 40 anos. *e-cadernos CES*, 29, 125–152. <https://doi.org/10.4000/eces.3307>

Instituto Nacional de Estatística. (2022). *População imigrante*. https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&indOcorrCod=0006058&contexto=bd&selTab=tab2

International Organization for Migration. (2019). *Key Migration terms, migration glossery*. https://publications.iom.int/system/files/pdf/iml_34_glossary.pdf

Lusa. (2022, 23 de junho). Quase 700 mil estrangeiros vivem em Portugal e 30% são brasileiros. *Eco*. <https://eco.sapo.pt/2022/06/23/quase-700-mil-estrangeiros-vivem-em-portugal-e-30-sao-brasileiros/>

Mauss, M. (1974). *Sociologia e antropologia* (Lamberto Puccinelli, Trad.). EPU.EDUSP.2 v.

Marques, V. (2009). *Sobre práticas religiosas e culturais islâmicas no Brasil e em Portugal: Notas e observações de viagem* [Tese de doutoramento, Universidade Federal de Minas Gerais]. Repositório Insitucional. https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/VCSA-856S6R/1/sobre_praticas_religiosas_e_culturais.pdf

Neves, C. (2018, 9 de dezembro). Beja é o eldorado para 28 mil imigrantes, mas tem mais pedras do que ouro. *Diário de Notícias*. <https://www.dn.pt/edicao-do-dia/09-dez-2018/beja-e-o-eldorado-para-28-mil-imigrantes-mas-tem-mais-pedras-do-que-ouro--10293665.html>

92 timorenses realojados em Beja após despejos. (2022, 26 de agosto). *Sul Informação*. <https://alentejo.sulinformacao.pt/2022/08/92-timorenses-realojados-em-beja-apos-despejos/>

Oliveira, C. (2021). *Indicadores de integração de imigrantes: Relatório estatístico anual 2021*. Alto Comissariado para as Migrações.

Pedrosa, N. (2021, 22 de julho). Beja vai ter centro nacional de apoio a migrantes. *Diário do Alentejo*. <https://diariodoalentejo.pt/pt/12349/beja-vai-ter-centro-nacional-de-apoio-a-migrantes.aspx>

Piedade, A. (2017). Corpos-território e a construção identitária. *Revista Migrações*, (14), 122–134.

Piedade, A. (2019). Uma “Mesquita” (lugar de culto) no Alentejo – Invisibilidades na cidade. In A. M. C. Silva, I. Macedo & S. Cunha (Eds.), *Atas do II Congresso Internacional de Mediação Social: a Europa como espaço de diálogo intercultural e de mediação* (pp. 134–156). Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade.

Pordata (2020). *Migrações*. <https://www.pordata.pt/subtema/portugal/migracoes-34>

Pordata. (2021a). *Migrações*. <https://www.pordata.pt/subtema/portugal/migracoes-34>

Pordata. (2021b). *População estrangeira com estatuto legal de residente: Total e por algumas nacionalidades*. <https://www.pordata.pt/Municipios/Popula%C3%A7%C3%A3o+estrangeira+com+estatuto+legal+de+residente+total+e+por+algumas+nacionalidades-101>

Pussetti, C., & Brazzabeni, M. (2011). Sofrimento social: Idiomas da exclusão e políticas do assistencialismo. *Etnográfica*, 15(3), 467–478. <https://doi.org/10.4000/etnografica.1036>

Schouten, M. (2001) *Modernidade e indumentária: As mulheres islâmicas*. BOCC – Biblioteca Online de Ciências da Comunicação. <http://www.bocc.ubi.pt/pag/schouten-johanna-mulheres-islamicas.html>

Valente, B. (2022, 25 de julho). Há uma nova resposta social em Beja para imigrantes e refugiados. *Rádio Voz da Planície*. <https://www.vozdaplanicie.pt/noticias/ha-uma-nova-resposta-social-em-beja-para-imigrantes-e-refugiados>